

# Apertos do Pacto

Sérgio Leo

De Brasília

**D**URO, duro mesmo, não era sentar à mesa para firmar as bases do pacto social sem acreditar que fosse sair grande coisa após nove horas de debate. O mais difícil, segundo confidenciou um dos participantes, foi não terem escolhido um lugar à altura para discussão tão importante aos destinos do país. Não há cinzeiros no gabinete do ministro do Trabalho, onde correaram as negociações; nem banheiros suficientes.

Gabinete de ministro é amplo o bastante para seu usuário e eventuais visitantes; não para reunir quase 50 representantes da sociedade — mesmo desfalcados dos imprescindíveis partidos políticos, CUT CNBB, ABI, Fifa e assemelhados. Com um prazo limitado, imposto pela área econômica, as coisas pioraram. E como agravante (juro que isto é sério): o acesso ao único banheiro do gabinete fica em uma sala privativa, na qual várias vezes durante a discussão o ministro se reunia, a portas trancadas, com alguns pactuantes.

A solução, a que poucos se aventuravam, era sair do gabinete e entrar em uma porta lateral no corredor do ministério, onde se encontra outro banheiro. Mas no caminho esperavam hordas de repórteres, fainhantes de notícias e de comida mesmo (o que os deixava mais agressivos), acotovelando-se para saber quem iria pagar o pacto, quais seus ingredientes e de quanto seria a conta. Por isso, a expressão angustiada com que alguns pactuantes foram flagrados pelas câmeras de tv podem ter enganado os telespectadores. Mas não tinha nada a ver com o resultado das negociações.

A temperança, característica eventual dos empresários, presidentes de confederações de trabalhadores e do próprio ministro, quando levada aos discursos de cada um, não impedia que o clima esquentasse na sala. Os pactuantes, na maioria, falavam baixo, uma técnica de oratória muito usada pelo ministro, que obriga seus interlocutores a prenderem a atenção ao que está

sendo dito, sob pena de não se escutar absolutamente nada. E a temperatura deve ter chegado, em alguns momentos, aos limites do suportável.

A tensão também foi grande. Principalmente entre os fumantes, pois o ministro Pazzianotto, não-fumante convicto e combativo, desencoraja, com dezenas de cartazes distribuídos por seu gabinete, o feio vício do tabagismo. E os pactuantes chegados a um cigarro só tiveram alternativa do banheiro, onde fumaram escondidos. O que deve ter irritado profundamente o ministro, que não suporta fumaça de cigarro. E exasperado ainda mais os que pretendiam usar esse único banheiro. Nessas incursões para o vício, imaginem o tempo tomado pela assessora do ministro, Dorothea Werneck, que fuma desbragadamente cigarros cem milímetros.

Comentava um dos pactuantes que nada tinha contra o confortável gabinete do ministro do trabalho, de onde até se descortina uma bela vista do Congresso Nacional e do Palácio do Planalto (que sabe-se lá quais sonhos motiva a Pazzianotto). Mas, se a intenção era firmar uma trégua entre classes sociais, fazendo com que governo, empresários e trabalhadores caminhassem de mãos dadas, o mínimo que se podia esperar é que as reuniões acontecessem no Congresso, ou no Palácio da Alvorada.

Eles sofreram, mas até que se divertiram. Ou se vingavam, como aconteceu quando os técnicos do Dieese e do ministério do Planejamento firmaram um pacto durante um dos intervalos, fazendo uma vaquinha para um boy comprar cheeseburgers. Chegados os sanduíches, notou-se que estava faltando um. Em um canto, viu-se então Paulo Francini, já esquecido dos momentos que passara atormentado pela inacessibilidade do banheiro, saboreando gulosamente um dos cheeseburgers. Diante da apropriação praticada por alguém que não havia participado de seu pacto particular, só restou à Seplan e ao Dieese fazer nova rodada de negociação para dividir os sanduíches restantes.